



UC/FPCE.2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Conjugalidades com mais de 25 anos. Estudo Exploratório.

Diana Estrada (e-mail: dianaestrada@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Área de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena de Carvalho

Conjugalidades com mais de 25 anos. Estudo Exploratório.

Resumo: O presente estudo tem como principal objetivo estudar a percepção da conjugalidade por cônjuges numa relação com 25 anos ou mais. Em específico, os objetivos prendem-se com a análise da influência de variáveis sociodemográficas, como o sexo, a idade, a zona de residência, as habilitações literárias e a situação profissional, e variáveis familiares como o número de filhos e a etapa do ciclo vital – em específico, “famílias com filhos adultos” e “ninho vazio”. Um último objetivo específico prende-se com a influência do compromisso religioso. A amostra é constituída por 90 sujeitos, à qual se aplicou o seguinte protocolo de investigação: Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares, *DAS/EAM* - Escala de Ajustamento Mútuo e *ENRICH* - Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade.

Os resultados sugerem a influência de variáveis sociodemográficas, especificamente o sexo, idade, zona de residência e situação profissional, tal como da variável que estuda o compromisso religioso na percepção da conjugalidade.

Por fim, o resultado mais importante prende-se com a aparente “crise positiva” dos 40 aos 44 anos de relação conjugal que evidencia a importância de estudos futuros sobre as crises positivas e negativas e sobre os fatores facilitadores e de vulnerabilidade da conjugalidade.

Palavras-chave: casal; duração da relação; percepção da conjugalidade; ajustamento mútuo; *DAS*; *ENRICH*.

Conjugalities over 25 years. Exploratory study.

Abstract: The main purpose of this investigation is to study the conjugality perception by spouses in a relationship with 25 years or more. Specifically, the goals are analysing the influence of sociodemographic variables such as gender, age, residence area, educational qualifications and professional situation and family variables such as the number of children and the stage of the family life cycle – in particularly “families with adults children” and

“empty nest”. One last goal is studying the influence of the spouses’ religious commitment. The sample is composed by 90 subjects to whom were administered a research protocol which included: Sociodemographic and Complementary Data Questionnaire, the Dyadic Adjustment Scale (*DAS*) and the ENRICH Marital Satisfaction Scale (*ENRICH*).

The results suggest the influence of sociodemographic variables, specifically the gender, age, housing area, professional situation and also the influence of the religious commitment on the conjugality perception.

Finally, the most important result is the supposed existence of a “positive crisis” between the period of 40 and 44 years of marital relationship which highlights the importance of futures studies focusing on positive and negative crisis and protective and vulnerability marital factors.

Key Words: couple; relationship duration; conjugality perception; mutual adjustment; *DAS*; *ENRICH*.

Agradecimentos

À Professora Doutora Madalena de Carvalho, por ser uma inspiração constante, tanto como orientadora, Professora, supervisora e, sobretudo, como terapeuta. Obrigada por me permitir sempre sonhar em “ser assim, quando for grande”. O meu eterno obrigada por ter acreditado em mim quando já nem eu acreditava.

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, à Professora Doutora Luciana Sotero, à Professora Doutora Diana Cunha, à Professora Doutora Sofia Major, à Professora Doutora Alda Portugal e à Doutoranda Margarida Vilaça, um breve mas sincero agradecimento por me terem levado a apaixonar pela Psicologia Sistémica!

À Professora Doutora Isabel Alberto e ao Tiago, obrigada pela disponibilidade, pelo conhecimento e pela paciência, ingredientes essenciais para que este trabalho tenha chegado ao fim.

Ao Centro de Prestação de Serviços à Comunidade, por me ter recebido como estagiária e ter possibilitado o meu crescimento enquanto pessoa e futura psicóloga. Um especial agradecimento a todos/as os/as terapeutas com quem me cruzei e à equipa de supervisão da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar, do Dr. José Carlos Garrucho.

À família. Obrigada aos meus pais, que sempre me incentivaram a sonhar e a ser cada vez mais e melhor. À minha irmã Andreia, por ser tão diferente de mim e me lembrar tudo aquilo que eu não quero ser. À minha tia Paula, por ser tão *ela própria* e ao quanto isso me inspirou ao longo dos anos. Um obrigada especial à minha avó Deolinda, por me ter ensinado que nada nem ninguém merece ver-nos vergar.

À minha segunda família, a de Coimbra. Obrigada aos 18, cada um especial à sua maneira “(...) e aprende-se a dizer saudade”. À *Tenhouse*, a casa que me viu crescer, de caloira a veterana, mas que é vazia sem as pessoas. Marta e Miriam, obrigada por tudo!

Às minhas afilhadas de praxe: Inês, Sofia e Joana. Nunca vos vou conseguir agradecer o suficiente por me terem escolhido. O brilho nos vossos olhos quando me olham e o orgulho que me fazem sentir é indiscritível, vocês deram sentido às tradições de Coimbra.

Aos meus amigos de Oliveira: Rita, Leandro, Rafaela, Catarina, Joana Damas, Daniela, Silvana, Eduarda, Vítor, Joana Leite, Ana Carina e Ana Isabel. Nada até hoje tinha sido possível sem o vosso apoio! Ao Cláudio, por ter sido meu amigo mesmo quando eu não quis e, principalmente, quando ele próprio não queria.

Como os últimos são os primeiros: à Lúgia, que não preciso de dizer muito, porque ela sabe que é tanto. “You are my person.”

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual	2
1.1 O casal	2
1.1.1 Porque nos casamos?	2
1.1.2 Ciclo evolutivo do casal.....	3
1.1.3 Manutenção de um casamento: forças e vulnerabilidades.....	4
1.2 Fatores preditores: o que nos diz a literatura?	6
1.2.3 O poder da prática religiosa.....	7
1.3 Percepção da satisfação e a qualidade conjugal	7
II – Objectivos.....	8
III – Metodologia.....	10
3.1 Descrição da amostra.....	10
3.2 Instrumentos de avaliação	13
3.2.1 Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares	13
3.2.2 <i>DAS/EAM</i> – Escala de Ajustamento Mútuo.....	13
3.2.3 <i>ENRICH</i> – Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade	14
3.3 Procedimentos de investigação.....	16
3.4 Procedimentos estatísticos.....	17
IV – Resultados	18
4.1 Influência da variável “duração da relação”	18
4.2 Influência das variáveis sociodemográficas	20
4.2.1 Influência das variáveis “sexo”, “zona de residência” e “situação profissional”	20
4.2.2 Influência da variável “idade por categorias”	22
4.2.3 Influência da variável “habilitações literárias”	23

4.3 Influência da variável “compromisso com a religião” na perceção da conjugalidade	23
4.4 Influência do número de filhos na perceção do ajustamento mútuo (<i>DAS</i>)	24
4.5 Influência das etapas do ciclo vital familiar – “família com filhos adultos” e “ninho vazio” – na perceção da conjugalidade	24
V – Discussão.....	25
5.1 A duração da relação, a idade dos cônjuges e o compromisso religioso.....	25
5.2 As variáveis sociodemográficas: sexo, zona de residência, habilitações literárias e situação profissional.....	27
5.3 O impacto do ciclo vital familiar e o número de filhos	29
VI – Conclusões	30
6.1. Limitações do estudo e investigações futuras.....	31
Bibliografia.....	32
Anexos.....	34
Anexos I: Protocolo de investigação Erro! Marcador não definido.	
Anexos II: Tabelas da caracterização da amostra – variáveis sociodemográficas e familiares.....	34
Anexos III: Análise da consistência interna: <i>DAS</i> e <i>ENRICH</i>	56
Anexos IV: Resultados	57

Introdução

Foram necessários quase dez anos para as questões colocadas por Madalena de Carvalho, na sua investigação realizada em 2006 e assinada como Lourenço, saírem do papel e terem continuidade como linha de investigação. Quase uma década certamente não tem tanto peso como os quase cem anos que marcam o início das investigações na área da conjugalidade. Apesar de um século parecer imponente, este número perde o impacto quando comparado com outras *grandes ciências* e a conjugalidade passa a ser um tópico investigado *apenas* desde há cem anos para cá.

Os estudos sobre o casamento iniciaram-se por volta dos anos 20, primeiro levados a cabo por sociólogos, passando pela tradicional corrente comportamental e só numa terceira fase pela psicologia social, à luz da Teoria Geral dos Sistemas (Fincham & Bradbury, 1990). Lourenço (2006) relembra-nos deste mesmo facto quando afirma que as ciências sociais, em geral, e a psicologia, em particular, têm demonstrado um interesse limitado pela temática do casal.

O casal que, nas palavras de Satir (1991), funciona como arquiteto da família, ganha então o papel principal nesta investigação, que tem como principal objetivo estudar a perceção da conjugalidade por cônjuges numa relação com 25 anos ou mais, através de duas escalas: a Escala do Ajustamento Mútuo (*DAS/EAM*) e a *ENRICH*. O número oficial para a comemoração das *bodas de prata* não foi escolhido ao acaso, tal como os objetivos desta dissertação. Como já referido, este estudo tenta responder a algumas questões levantadas em 2006, por Lourenço, que incluía no seu trabalho 30.2% de sujeitos numa relação conjugal com 20 anos ou mais. “A curiosidade mantém-se” foi a frase que a investigadora escolheu, após a reflexão dos seus resultados, nos quais encontrou “uma crise negativa aos 20 anos de relação” e “crises positivas” aos 23 e aos 29 anos de relação, deixando a questão, “será que existe uma fase de reaproximação?”.

Além deste objetivo principal, sobre a duração da relação, pretendemos explorar a influência de variáveis sociodemográficas, tais como, o sexo, zona de residência, habilitações literárias, situação profissional e compromisso religioso. Analisámos, ainda, mais dois aspetos referidos por Lourenço (2006) como sendo relevantes: a influência do número de filhos – neste caso, o facto de ter 3 ou mais filhos poderá refletir-

se numa maior vulnerabilidade para o casal – e a influência da etapa do ciclo vital familiar – a etapa “família com filhos adultos” e “ninho vazio”. Mais especificamente, esta investigação recai sobre a influência destas variáveis na percepção dos cônjuges numa relação com 25 ou mais anos.

I – Enquadramento conceptual

“O amor foi inventado quando a esperança de vida era de trinta anos. Agora, que é de setenta, o que fazer com os restantes quarenta?”

(Relvas, 2000, p.138).

1.1 O casal

Definir o conceito de casal tem-se revelado bastante difícil ao longo das últimas décadas, uma vez que a relação em causa assume múltiplas formas. Este não deverá limitar-se ao casamento legal, ao relacionamento heterossexual ou à durabilidade da relação, muito menos à fidelidade, pois tal seria redutor (Relvas, 2000).

A entidade “casal”, segundo Caillé (1991), assume-se como sendo mais do que uma simples díade, defendendo o modelo “1+1=3”: dois parceiros que se unem e formam, em conjunto, um novo modelo específico e original. O todo é maior do que a soma das partes (Caillé, 1991), mas este mesmo todo também é menor do que a soma das partes, “mulher e marido, indivíduos interindependentes adaptando-se, recriando-se, recriando continuamente o casal. O todo é, então, menor do que o todo” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.18). Como afirma Morim (1994, citado em Narciso & Ribeiro, 2009), devido à hologramaticidade relacional, existe a impossibilidade de compreender o todo sem conhecer as partes, daí que esta investigação se debruce sobre a conjugalidade do ponto de vista dos cônjuges, mas existe, igualmente, a impossibilidade de conhecer as partes sem compreender o todo.

1.1.1 Porque nos casamos?

São vários os motivos pelos quais decidimos enveredar pelo caminho do casamento (Sampaio & Gameiro 2005). “Porque estamos apaixonados” (Skinner & Cleese, 1990, como citado em Relvas, 1996, p.37)

continua a ser, nos dias de hoje, a justificação mais consensual. No entanto, além do amor e da paixão, as pessoas casam-se devido à pressão social que continua a existir para o casamento, uma vez que o estatuto de “casado” é diferente dos restantes estados civis. A existência de necessidades de suporte, companhia, segurança, proteção, intimidade, carinho, comunicação, estabilidade e sexo, bem como a necessidade de se libertarem da sua família de origem constituem outras das razões pelas quais as pessoas se casam (Relvas, 2000).

De acordo com Glenn (2001, como citado em Narciso & Ribeiro, 2009), o amor e o casamento, só por si, aparentam ser a principal origem de felicidade individual. A satisfação conjugal, só por si, parece ter um papel mais relevante para o bem-estar pessoal do que fatores como: sucesso profissional, religião ou bens materiais e financeiros em conjunto.

1.1.2 Ciclo evolutivo do casal

A partir do momento em que existe uma entidade a que se possa chamar “casal”, este passa por diferentes fases ou estádios de evolução, sendo este processo diferencial e idiossincrático (Relvas, 2000). DeFranck-Lynch (1986) destaca 3 estádios:

1. *Estádio de Fusão*: este estádio poderá manter-se durante os primeiros dez anos, no qual ocorre a fusão do casal, ou seja, de dois indivíduos num só sistema. Implica, ainda, um investimento na relação e o estabelecimento do “nós” para o posterior alcance da estabilidade da mesma. Por volta dos sete anos de casamento é atingida a fusionalidade definitiva.
2. *Estádio da Autonomia* (início aos dez/doze anos de relação): a relação é invadida pela rotina, aborrecimento e ansiedade. O que anteriormente distinguia o casal, e que se tornava atrativo, é encarado como uma fonte de desentendimento. Surge a vontade de separação, havendo um retorno ao “eu” e ao “tu” e, conseqüentemente, à autonomia de cada um e o desejo de reencontrar a sua personalidade. Neste estádio, os filhos atingem a fase de “autonomização” e começam a funcionar como elemento de triangulação. Termina, muitas vezes, com o final do casamento ou com a continuação do mesmo devido à existência de filhos.

3. *Estádio da Empatia* (por volta dos 20 anos de casamento): os membros do casal atingem a sua autonomia e reúnem-se. Para Bader e Pearson (1988, como citado em Lourenço, 2006, p.35), esta é, igualmente, “(...) uma etapa de segurança e contenção, de desenvolvimento e crescimento pessoal”. Porém, a liberdade e a empatia não implicam, necessariamente, estabilidade. Surgem novas necessidades de mudança, como a reforma e os netos, surgindo também a aproximação da morte (Relvas, 1996).

O referido estudo de Lourenço (1996), com uma vasta amostra de cônjuges portugueses, não confirma as etapas apontadas por DeFranck-Lynch (1986), fazendo, por isso, uma proposta diferente para as diferentes etapas do ciclo evolutivo do casal: a etapa de *idealização*, dos 0 aos 3 anos de relação conjugal; a etapa do *estremecimento ao terramoto*, dos 4 aos 10 anos; a etapa de *empatia* ou *reaproximação* dos 11 aos 19 anos; e, por fim, a fase do *questionamento*, a partir dos 20 anos de relação.

A necessidade de mudança referida por Relvas (1996), leva Lourenço (2006) a sugerir a fase, já referida, do *questionamento*, entre os 20 e os 27 anos de relacionamento, que pauta pelo fim da reaproximação.

A presente dissertação tem por base aprofundar o conhecimento sobre as conjugalidade com 25 ou mais anos de existência e, em particular testar a hipótese da existência de uma última etapa de *companheirismo* a partir dos 27 anos de relação, fase em que cada elemento da díade, eventualmente, aumenta a sua capacidade de aceitação das diferenças e imperfeições do cônjuge.

1.1.3 Manutenção de um casamento: forças e vulnerabilidades

Para Bateson (1987) são as particularidades da narrativa singular do casal, aquilo que há de original, que inspira o amor e, ao mesmo tempo, faz perpetuar o casal e influencia a percepção do quotidiano.

Narciso e Ribeiro (2009) afirmam que para amar de modo duradouro também é necessário existir sentimento e vontade de querer amar e cuidar do amor. As autoras defendem que “a manutenção do amor no casal é um processo de descoberta e construção de diferentes formas de amar e ser amado que acompanhem a evolução de cada um dos seus cônjuges ao longo

do seu desenvolvimento” (p. 50).

As relações constroem-se através de experiências, estados de humor, prazeres e também dores, daí que não sejam nem estáticas nem imutáveis. “Todos os casais, mesmo os mais felizes, têm problemas – e problemas não resolvidos –, conflitos, interesses e valores divergentes, sentimentos e pensamentos negativos, ou seja, têm momentos de maior satisfação e momentos de menor satisfação, ou mesmo insatisfação” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.62).

Sobre este tópico, Sager (1986, citado em Narciso & Ribeiro) recorda que cada indivíduo leva consigo para o casamento um conjunto de expectativas conscientes e inconscientes, crenças e exigências, as quais espera e acredita que serão realizadas. Os resultados das investigações de Fletcher (2002, citado em Narciso & Ribeiro) indicam que as nossas crenças pessoais afetam como respondemos numa dada situação e, em certos casos, essas crenças podem mesmo resultar numa disfunção no casamento.

Em todas as relações, sejam elas de amizade, de casamento, entre familiares ou de outra natureza, existem divergências, visto que pensar e sentir de formas diferentes é intrínseco a todas as relações humanas. No entanto, discutir as diferenças pode ser fonte de enriquecimento (Costa, 1998). Estudos realizados por Baucom e Epstein (1990, citado em Narciso & Ribeiro, 2009) revelam correlações positivas entre satisfação conjugal e expressividade entre os cônjuges. Casais mais insatisfeitos expressam menos emoções, desejos e necessidades do que casais satisfeitos.

Ao contrário da crença comum de que amor e ódio são opostos, estes conceitos caminham de mãos dadas, visto que quando os sentimentos negativos não são transmitidos, os positivos também definham. O positivo só é vislumbrado quando o negativo também o é (Lourenço, 2006). Investigações indicam que o sucesso de um casamento está dependente, não da existência de conflitos, mas da forma como os casais lidam como eles (Walsh, 2003).

Para Bowen (1984) a díade conjugal é sempre instável, não conseguindo manter baixa a tensão durante muito tempo. As áreas que mais provocam conflitos nos casais são a gestão financeira, família, estilo de comunicação, sexualidade, tarefas domésticas, tempo e atenção e gostos pessoais (Around & Pauker, 1985, como citado em Lourenço, 2006). Na fase

mais posterior do casamento, destacam-se os conflitos devido à comunicação, à sexualidade e aos tempos livres com o parceiro (Storaasli & Markman, 1990, como citado em Ribeiro & Narciso, 2009).

O casal, apesar de as suas fragilidades é, também, forte, sobretudo devido à sua flexibilidade de adaptação aos diferentes contextos de tempo e de espaço (Ribeiro & Narciso, 2009).

1.2 Fatores preditores: o que nos diz a literatura?

Em relação às variáveis sociodemográficas, tendo sempre em conta a influência dos fatores socioculturais no casamento, existem fatores facilitadores das variadas dinâmicas conjugais – residir em meio urbano, ser católico não praticante e ter frequentado o ensino superior – e fatores associados a maiores vulnerabilidades nas dinâmicas conjugais – residir em meio rural, ser católico praticante e ter o primeiro ciclo do ensino básico (Lourenço, 2006).

Duas das características que mais surgem na literatura como tendo impacto na avaliação da satisfação conjugal e da felicidade pessoal são: o número de filhos e o momento em que estes saem de casa (fase do “ninho vazio”) (Lourenço, 2006).

Casais com três ou mais filhos apresentam resultados diferentes daqueles com menos filhos, aparentando mesmo marcar uma fase de transição no ciclo evolutivo do casal, visto que a partir do terceiro filho a relação conjugal fica mais vulnerável. Ter três filhos aponta no sentido de um menor ajustamento mútuo total (tal como avaliado pela *DAS*, instrumento utilizado no estudo empírico da presente dissertação), exceptuando na *expressão afetiva*. Quanto à *ENRICH* (outro instrumento utilizado no estudo empírico do presente trabalho) o risco está presente nas seguintes dimensões: *comunicação, resolução de conflitos, gestão financeira, atividades de lazer, relações sexuais, filhos e casamento, igualdade de papéis, satisfação e orientação religiosa* (“se aceitarmos que é um potencial problema para a relação conjugal ter uma visão mais tradicional do papel da religião nessa mesma relação” (Lourenço, 2006, p. 186).

Em 2012, Frazão verificou que a variável preditora que mais contribui para a variabilidade no ajustamento mútuo (escala global da *DAS*) é a etapa

do ciclo vital do casal. Sendo assim, é possível predizer os resultados nas dimensões: *satisfação mútua*, *coesão mútua*, *expressão afectiva* e *ajustamento mútuo*, e em todas as dimensões do funcionamento conjugal (*ENRICH*), excetuando o fator *atividades de lazer*. Segundo Olson e colaboradores (1983, como citado em Lourenço, 2006), a satisfação conjugal aumenta com a saída dos filhos do agregado familiar. Rowe e Lasswell (como citado em Olson & DeFrain, 2000) chegaram, também, à conclusão que casais com famílias maiores têm tendência para terem casamentos menos felizes, uma vez que, aumentando o número de filhos aumenta também o período em que são responsáveis por eles.

1.2.3 O poder da prática religiosa

Olson e colaboradores (1983, como citado em Lourenço, 2006) estudaram as estratégias de *coping* ao longo do ciclo vital e concluíram que os casais mais velhos procuram o suporte espiritual para lidar com certas fases, como a de “ninho vazio” e a da reforma. A visão do papel da religião na relação conjugal tem um aumento contínuo e crescente a partir do oitavo ano de vida do casal. A subdimensão *orientação religiosa* (*ENRICH*) parece crescer com o aumento da família, sendo máxima para casais com três ou mais filhos (Lourenço, 2006).

Visto que a orientação religiosa é uma das áreas avaliadas pela *ENRICH*, poderemos confirmar, no nosso estudo, a utilização desta como uma estratégia de *coping*¹, ou seja, um recurso dos casais para lidar com certas situações.

1.3 Percepção da satisfação e a qualidade conjugal

Para uma maior e melhor compreensão do ciclo evolutivo do casal é essencial estudar a satisfação e a qualidade conjugal, dois conceitos que se parecem confundir. No entanto, enquanto o conceito de qualidade se refere ao desempenho na e da relação, podendo ser avaliada por terceiros seguindo critérios definidos (Narciso & Ribeiro, 2009), a satisfação conjugal resulta,

¹ Segundo Antoniazzi, Dell’Aglia e Bandeira (1998, como citado em Pires, 2011), o *coping* é um processo de interacção entre o sujeito e o meio com o objectivo de gerir uma situação de *stress*.

sobretudo, da avaliação pessoal e subjetiva de cada parceiro relativamente à relação (Narciso, 2001, como citado em Benkovskaia, 2008). “O casal sentirá maior ou menor satisfação ao avaliar a qualidade do seu casamento – o desempenho na e da relação –, nível de satisfação esse que irá influenciar a qualidade, a qual, por sua vez, irá influenciar a satisfação, e assim sucessivamente, estabelecendo-se, pois, um ciclo de instigação recíproca que se autoperpetua” (Narciso & Ribeiro, 2009, p.59).

Variados estudos indicam que a conjugalidade e o “amor” são a base da felicidade absoluta. Porém, o bem-estar proporcionado através do casamento está dependente do nível de satisfação percebido. A importância da percepção sobre o cônjuge e sobre a relação é mais relevante na influência para a satisfação com a relação do que o verdadeiro comportamento deste (Meeks, Hendrick, & Hendrick, 1998, como citado em Narciso & Ribeiro, 2009).

Os dados empíricos revelam que quando os níveis de satisfação são elevados existem mais indicadores positivos de bem-estar psicológico (e.g. felicidade e satisfação com a vida) e menos indicadores negativos (e.g. depressão e ansiedade); a longevidade é mais elevada; as doenças e os internamentos hospitalares são menos frequentes (Narciso, 2001, como citado em Pacheco, 2008). Daí que a natureza complexa do casal seja, cada vez mais, reconhecida como um fator de extrema relevância no contributo para o envelhecimento saudável, independentemente de fatores externos à relação – como a educação, o salário ou a idade (Ray, 2000; Torre & Kasl, 1996, como citado em Walker & Luszcz, 2009).

II – Objectivos

O objetivo geral desta investigação prende-se com o estudo da percepção da conjugalidade por cônjuges numa relação com vinte e cinco ou mais anos. Dentro deste objetivo geral inserem-se outros mais específicos, sendo eles:

- 1) Estudar as variáveis sociodemográficas e familiares de cônjuges numa relação com 25 ou mais anos e como estas influenciam as variáveis dependentes em estudo (o funcionamento conjugal e suas dimensões, como avaliado pela *ENRICH* e o ajustamento mútuo e

suas dimensões, avaliado pela *DAS*) de forma a esclarecer até que ponto é que características como gênero, idade, local de residência, habilitações literárias e situação profissional, podem influenciar a percepção da conjugalidade, nesta etapa da relação;

- 2) Compreender a influência do compromisso com a religião na percepção da conjugalidade.
- 3) Estudar a influência entre o número de filhos e a percepção da conjugalidade por cônjuges com mais de 25 anos de relação, de forma a testar a hipótese colocada por Lourenço (2006) sobre a maior vulnerabilidade no ajustamento mútuo entre os cônjuges, a partir do seu terceiro filho;
- 4) Avaliar a influência entre a fase do ciclo vital familiar (Relvas, 1996) e a percepção da conjugalidade por cônjuges com 25 ou mais anos de relação;

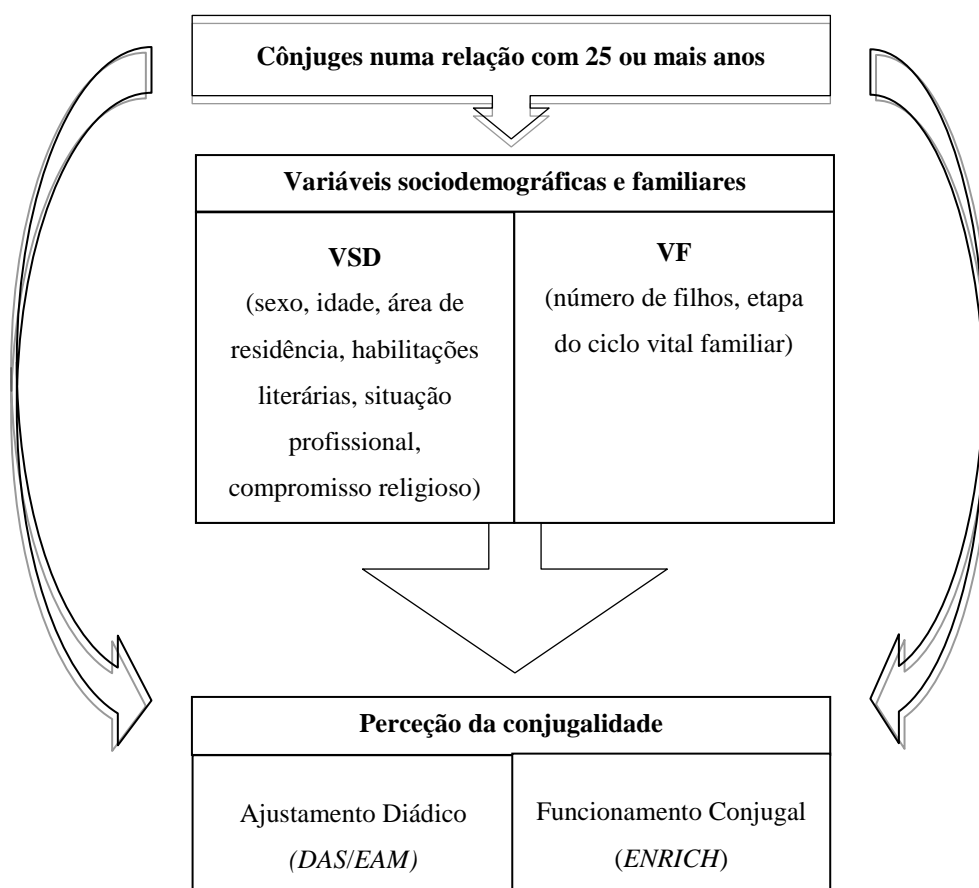


Figura 1. – Modelo conceitual hipotético das relações entre as variáveis do presente estudo empírico.

III – Metodologia

3.1 Descrição da amostra

Para a caracterização da amostra deste estudo, recorreu-se a um conjunto de variáveis sociodemográficas (sexo, duração da relação, primeira relação de casal, idade do respondente e do cônjuge, área de residência, habilitações literárias, situação profissional, classificação da profissão a compromisso religioso)² (Tabela 1) e familiares (número de filhos, etapa do ciclo vital familiar, atividades pós-reforma)³ (Tabela 2), sendo que todos os protocolos foram recolhidos presencialmente

A amostra deste estudo é composta por 90 sujeitos, dos quais 53 (58.9%) são do sexo feminino e 37 (41.1%) do sexo masculino. A duração da relação, em que estes cônjuges se encontram, varia dos 25 aos 53 anos, com uma média de 39.03 anos (DP=7.40). A categoria com um maior número de sujeitos, referindo-se aos anos de relação, é a dos 40 aos 44 anos (27.8%), logo seguida da categoria dos 30 aos 34 anos (21.1%). Um total de 87 sujeitos (96.7%) encontra-se na sua primeira relação conjugal, enquanto uma minoria de 3 sujeitos (3.3%) respondeu que esta não é a sua primeira relação.

As idades dos sujeitos encontram-se distribuídas dos 46 aos 80 anos, com uma média de 63.09 anos (DP=7.83). A maioria dos indivíduos encontra-se na classe de idades entre os 66 e os 70 anos (27%), logo seguida pela classe entre os 61 e os 65 anos (24.7%). Quanto à idade dos cônjuges dos respondentes, estas encontram-se distribuídas dos 46 aos 80 anos, sendo a média de 63.74 (DP=7.83).

Em relação à zona de residência, 40 sujeitos (44.4%) residem numa zona rural e 50 sujeitos (55.6%) numa zona urbana. Quanto às habilitações literárias, os indivíduos distribuem-se por cinco categorias: 26 (28.9%) frequentaram o ensino básico; 24 (26.7%) o ensino secundário; 36 sujeitos (40%) frequentaram o ensino superior; 3 respondentes (3.3%) seguiram a via do ensino profissional; e, por último, 1 sujeito (1.1%) assinalou a opção “outro”.

² Anexos II.

³ Anexos II.

Quanto à condição de trabalhador ativo, existem 21 sujeitos (23.9%) que se encaixam nesta categoria, enquanto existe 1 sujeito desempregado (1.1%), 1 sujeito (1.1%) pensionista por invalidez e 65 indivíduos (73.9%) são reformados.

Para efeitos estatísticos, consideraremos 66 sujeitos (75%) na condição “reformados”. Dos 21 sujeitos (23.9%) na condição de trabalhador ativo, 2 respondentes (2.3%) encontram-se na condição “patrão”, 1 sujeito (1.1%) na condição “trabalhador por conta própria” e 18 sujeitos (20.5%) na condição “trabalhador por conta de outrem”.

De acordo com a classificação portuguesa das profissões (INE, 2010), dos nove grandes grupos existentes, os constituintes desta amostra distribuem-se, principalmente, da seguinte forma: 28 indivíduos (31.8%) são especialistas das atividades intelectuais e científicas; 13 (14.8%) pertencem ao grupo dos técnicos e profissões de nível intermédio; 14 sujeitos (15.9%) enquadram-se no pessoal administrativo; 13 (14.8%) classificam-se como trabalhadores de serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores; e 10 respondentes (11.4%) são trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices.

Dos 66 indivíduos (75%) reformados, todos afirmaram ter pelo menos uma atividade pós-reforma, sendo que 42 (47.7%) já praticavam algum tipo de atividade pré-reforma em relação aos 23 (26.1%) que não. Destes 66 sujeitos reformados, sendo que todos praticam atividades, 27 (30.3%) pratica 1 a 3 atividades, 29 (32.6%) pratica 4 a 6 atividades, 9 (10.1%) de 7 a 9 atividades e 1 sujeito (1.1%) pratica 10 a 12 atividades.

A variável da prática religiosa encontra-se dividida em três categorias: 15 sujeitos (17.2%) consideram-se não religiosos, enquanto 42 (48.3%) assumem-se como religiosos praticantes e 30 (34.5%) como religiosos não praticantes.

Tabela 1. Caracterização da amostra - variáveis sociodemográficas

Variáveis	Categorias	N	%
Sexo	Feminino	53	58.9
	Masculino	37	41.1
	Total	90	100
Duração da relação	25-29	9	10.0
	30-34	19	21.1
	35-39	14	15.6
	40-44	25	27.8
	45-49	16	17.8
	50-54	7	7.8
	Total	90	100
Idade	46-50	7	7.9
	51-55	10	11.2
	56-60	12	13.5
	61-65	22	24.7
	66-70	24	27.0
	71-75	10	11.2
	76-80	4	4.5
	Total	89	100
Zona de residência	Rural	40	44.4
	Urbana	50	55.6
	Total	90	100
Habilitações literárias	Ensino básico	26	28.9
	Ensino secundário	24	26.7
	Ensino superior	36	40.0
	Ensino profissional	3	3.3
	Outro	1	1.1
	Total	90	100
Situação profissional	Trabalhador ativo	21	24.1
	Reformado	66	75.9
	Total	87	100
Compromisso religioso	Não religioso	15	17.2
	Religioso praticante	42	48.3
	Religioso não praticante	30	34.5
	Total	87	100

Quanto ao número de filhos, existem duas categorias, 74 sujeitos (82.2%) têm de zero a 2 filhos – sendo que 3 (3.3%) têm zero filhos, 26 (28.9%) têm 1 filho e 45 (50%) têm 2 filhos – enquanto 16 respondentes (17.8%) têm 3 ou mais filhos – sendo que 9 sujeitos (10%) têm 3 filhos, 6 (6.7%) têm 4 filhos e 1 sujeito (1.1%) tem 5 filhos.

Em relação ao agregado familiar, 51 sujeitos (57.3%) revelam

habitar apenas com o seu cônjuge, 35 (39.3%) habitam com o seu cônjuge e um ou mais filhos, enquanto 3 sujeitos (3.4%) habitam com o seu cônjuge e mais uma pessoa que não um filho.

Tabela 2. Caracterização da amostra variáveis familiares

Variáveis	Categorias	N	%
Número de filhos	0-2	74	82.2
	3 ou +	16	17.8
	Total	90	100
Etapa do ciclo vital familiar	Filhos adultos em casa	35	39.3
	“Ninho vazio”	51	57.3
	Outro	3	3.4
	Total	89	100

3.2 Instrumentos de avaliação

O protocolo de avaliação⁴ apresentado à amostra referida no ponto anterior consiste num Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares adaptado à amostra-alvo e em dois instrumentos de auto-resposta, preenchidos pela seguinte ordem: *DAS/EAM* – Escala de Ajustamento Mútuo e *ENRICH* – Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade.

3.2.1 Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares

Este questionário tem como objetivo caracterizar a amostra em duas partes essenciais, a das variáveis sociodemográficas e a familiares. Na primeira parte, dos dados sociodemográficos, existem questões sobre a duração da relação conjugal, sexo, idade, área de residência, habilitações literárias, situação profissional, compromisso religioso e dados sobre o cônjuge. Quanto aos dados complementares, as perguntas recaem sobre o número de filhos, o agregado familiar e a etapa do ciclo vital familiar.

3.2.2 *DAS/EAM* – Escala de Ajustamento Mútuo

A Escala de Ajustamento Mútuo (*EAM*) ou *Dyadic Adjustment Scale* (*DAS*) foi criada por Graham Spanier, em 1976 e, posteriormente adaptada e

⁴ Anexos I.

validada para Portugal por Madalena de Carvalho e Ana Paula Relvas, em 2003. É um instrumento de autoresposta, que pode ser respondido por apenas um dos elementos da díade ou por ambos. Nesta investigação, apenas é pedido que um dos cônjuges responda.

É um instrumento composto por 32 itens que pretendem avaliar quatro dimensões do ajustamento conjugal: (1) o *consenso mútuo*, que avalia o acordo na díade em assuntos considerados como importantes na relação (como o dinheiro, a religião, tarefas domésticas ou o tempo passado juntos); (2) a *satisfação mútua*, que mede a tensão na relação e até que ponto o indivíduo já pensou em terminá-la (resultados maiores indicam maior satisfação e comprometimento na relação); (3) a *coesão mútua*, que avalia os interesses comuns e as atividades que são partilhadas pelo casal; e (4) a *expressão afetiva*, que mede a satisfação do indivíduo com a expressão de afeto e sexo na relação (Lourenço, 2006).

O seu objetivo principal é, então, avaliar, com confiança, a qualidade do casamento, baseando-se no conceito de ajustamento diádico enquanto um processo em mudança, com uma dimensão qualitativa que pode ser avaliada de “bem ajustado” a “mal ajustado”, ao longo do tempo (Spanier, 1976). A interpretação dos seus resultados é feita seguindo a ideia de que resultados mais baixos indicam existência de problemas, enquanto resultados elevados indicam a sua ausência, sendo, também, esta a lógica a utilizar na interpretação dos resultados totais, ou seja, do ajustamento mútuo total (Lourenço, 2006).

Relativamente à sua validade, a *DAS* apresenta uma boa consistência interna, tanto na escala total como nas suas subescalas, e estabilidade em longos intervalos de tempo (bons resultados teste –re-teste), sendo, por isso, um instrumento com “forte utilidade interpretativa e preditiva na caracterização das relações maritais e outras relações diádicas” (Lourenço, 2006, p.115).

3.2.3 ENRICH – Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade

A *ENRICH* foi criada por David Olson, David Fournier e Joan Druckman, em 1982 e, tal como a *DAS*, adaptada e validada para Portugal por Madalena de Carvalho e Ana Paula Relvas, em 2003. É, também, um

instrumento de autoresposta, que deve ser respondido individualmente, atendendo ao (des)acordo com as afirmações apresentadas. No entanto, é possível avaliar o grau de *Acordo Positivo do Casal* (PCA), que indica o nível de acordo positivo dos parceiros, apresentado em cada uma das doze categorias existentes, ou seja, é uma percentagem baseada no número de respostas em que os membros do casal estão de acordo (Lourenço, 2006). Esta opção não será utilizada nesta investigação, já que a sua população é composta somente por cônjuges e não casais.

Este instrumento é composto por 109 itens, que permitem avaliar e identificar potenciais áreas problemáticas e quais as áreas de crescimento e enriquecimento do casal, distribuídos por doze categorias, sendo elas: (1) a *idealização* (resultados mais baixos indicam visão mais realista e são mais habituais em casais que recorrem a ajuda); (2) a *satisfação*, que avalia dez áreas da relação conjugal, coincidentes com as áreas da *ENRICH* (baixos resultados indicam falta de satisfação e preocupação com vários aspetos do casamento); (3) os *aspetos de personalidade*, que avalia traços como falta de pontualidade, temperamento, melancolia, teimosia, ciúme e possessividade, entre outros, no parceiro; (4) a *comunicação*, onde os itens avaliam o nível de conforto sentido por ambos na capacidade de partilhar – um com o outro – importantes emoções e crenças, e a perceção do sujeito sobre quão adequadamente comunica com o parceiro; (5) a *resolução de conflitos*, cujos itens medem a abertura dos parceiros para reconhecer e resolver problemas, as estratégias e procedimentos para terminar uma discussão, e a sua satisfação com a forma como os conflitos são resolvidos; (6) a *gestão financeira*, que se foca nas atitudes e preocupações sobre a forma como as questões económicas são geridas na relação de casal; (7) as *atividades de lazer*, que avalia as preferências individuais na utilização do tempo livre (por exemplo, atividades sociais *versus* pessoais) (8) as *relações sexuais*, onde os itens refletem a satisfação com as expressões de afeto, o nível de conforto na discussão de questões sexuais, atitudes sobre o comportamento e relações sexuais, decisões sobre controlo de natalidade, e sentimentos sobre a fidelidade sexual; (9) os *filhos e o casamento*, avalia as atitudes e sentimentos sobre ter filhos e o acordo no número desejado de filhos (resultados elevados revelam consenso nas decisões de ter filhos e tamanho da família desejada, uma perceção realista do impacto dos filhos na relação

conjugal, e satisfação na forma como são definidos os papéis e responsabilidades parentais); (10) a *família e os amigos*, cujos itens refletem as atitudes dos amigos e familiares relativamente ao casal, as expectativas sobre a quantidade de tempo passado com família e amigos, conforto sentido na presença de família e amigos de cada um dos parceiros, e percepções sobre a situação como potencialmente conflituosa ou satisfatória; (11) a *igualdade de papéis*, que avalia as crenças, sentimentos e atitudes sobre vários papéis conjugais e familiares, focando-se em papéis ocupacionais, tarefas domésticas, papéis sexuais e parentais; e, por fim, (12) a *orientação religiosa*, onde se avaliam as atitudes, sentimentos e preocupações individuais sobre o significado das crenças e práticas religiosas no contexto do casamento (Lourenço, 2006).

Quanto à fidelidade do instrumento, os autores encontraram resultados elevados, tanto com o método da consistência interna (onde apenas a subescala (8) *relações sexuais* apresentou resultados baixos) como com o teste –re-teste (Olson, Fournier, & Druckman, 1982, como citado em Lourenço, 2006).

3.3 Procedimentos de investigação

A recolha da amostra foi realizada através de protocolos em formato papel, recolhidos presencialmente. Uma parte dos protocolos foi entregue conjuntamente com o Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares de outra aluna do grupo de investigação, que trabalhou o tema do impacto da reforma na percepção da conjugalidade, visto que as nossas escalas (*DAS* e *ENRICH*) eram as mesmas. Os restantes foram entregues com o formato original. Esta recolha decorreu entre fevereiro e maio de 2015, segundo um processo de amostragem por conveniência ou de forma accidental.

O protocolo de investigação foi ordenado da seguinte forma: Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares; *DAS* e *ENRICH*.

Todos os sujeitos foram informados sobre o carácter voluntário, de anonimato e de confidencialidade, antes mesmo da participação nesta investigação. Assim, o protocolo foi acompanhado de um documento, entregue em duplicado, o Consentimento Informado. Cada sujeito assinou as

duas cópias e ficou com uma cópia do mesmo.

3.4 Procedimentos estatísticos

O passo seguinte à recolha da amostra consistiu na análise estatística dos dados obtidos, com recurso ao *IBM SPSS Statistics* – versão 22.0 para o Windows.

A escolha da utilização entre testes paramétricos e não paramétricos teve por base o Teorema do Limite Central de Maroco (2007). Esta teoria afirma que, de um modo geral, para amostras com uma dimensão superior a 30 (uma amostra grande), a normalidade da distribuição está assegurada. Assim sendo, serão utilizados testes paramétricos, sempre que os pressupostos de cada teste sejam cumpridos, e visto que a amostra deste estudo (N=90) é considerada uma amostra grande, não existe ameaça à validade da inferência estatística por parte da normalidade (Pestana & Gageiro, 2005). Importa esclarecer que o nível de significância foi definido como $p < .05$.

Primeiro, foram efetuados testes de fidelidade para ambas as escaladas utilizadas neste estudo – *DAS* e *ENRICH* – no sentido de determinar a consistência interna das mesmas. De seguida, indo de encontro ao principal objetivo deste estudo, realizámos uma *ANOVA* unifatorial (*one-way*) para explorar a influência da duração da relação na perceção da conjugalidade.

De forma a reunirmos mais informação sobre a amostra, efetuou-se uma análise descritiva das variáveis independentes (VI's), ou seja, dos dados sociodemográficos e familiares. De acordo com os objetivos, definidos no ponto II, realizámos vários testes estatísticos.

Num primeiro momento, foi utilizado o teste t (*t* de *Student*) para determinar a influência do sexo, do meio e da situação profissional (trabalhador ativo ou reformado) nas variáveis dependentes (VD's) deste estudo. Com o mesmo objetivo, de avaliar a influência da idade, foi aplicado um teste não paramétrico para amostras independentes, *Kruskal-Wallis*. Segundo Maroco (2007), este teste pode ser utilizado para testar se duas amostras provêm da mesma população ou de populações diferentes ou se as amostras resultam de populações com a mesma distribuição, ou seja, funciona como a alternativa não-paramétrica à *ANOVA* unidirecional.

Simultaneamente recorreu-se ao teste de simulação *Monte Carlo*. Para determinar a influência das habilitações literárias foi utilizada uma *ANOVA* unidirecional.

Para analisar a influência do compromisso com a religião na percepção da conjugalidade, recorreu-se à *ANOVA* unidirecional, acompanhada de um teste *post-hoc* de comparação múltipla de médias, concretamente o teste de *Bonferroni*, uma vez que, segundo Maroco (2007), é um dos testes mais potentes a desvios à normalidade e homogeneidade das variâncias para amostras pequenas. No entanto, este teste só será aplicado se existirem diferenças estatisticamente significativas

De seguida, de forma a estudar a influência do número de filhos na percepção do ajustamento mútuo (*DAS*) foi utilizado um teste não paramétrico para amostras independentes, *Mann-Whitney*.

De forma a comparar a percepção da conjugalidade – ou seja, os resultados na *DAS* e na *ENRICH* – dos sujeitos na etapa família com filhos adultos com os em “ninho vazio” recorreu-se a testes *t* de *Student* para amostras independentes.

IV – Resultados

Esta secção destina-se à apresentação dos resultados obtidos através das análises estatísticas descritas no ponto 3.4., incluído na secção III. Os resultados dos testes de confiabilidade, como não são um objetivo específico deste estudo, encontram-se nos Anexos⁵, tal como todas as tabelas dos resultados dos testes aplicados⁶.

4.1 Influência da variável “duração da relação”

O objetivo principal desta investigação prende-se com o estudo da influência da duração da relação, daí que este seja o primeiro teste estatístico a ser realizado. A fim de verificarmos as diferenças entre as várias categorias de duração da relação, foi aplicada uma *ANOVA* unifatorial (*one-way*) (Tabela 3). Através deste teste foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas em seis dimensões da *ENRICH*: *aspetos da*

⁵ Anexo III.

⁶ Anexo IV.

personalidade [F=229.64; p=.00]; *comunicação* [F=178.97; p=.00]; *resolução de conflitos* [F=119.15; p=.02]; *relações sexuais* [F=127.65; p=.02]; *família e amigos* [F=66.53; p=.04]; *orientação religiosa* [F= 166.05; p=.03]; tal como no total da escala [F=7757.20; p=.03].

Tabela 3. Anova unifatorial (variável independente: “duração da relação”)

<i>ENRICH</i> (dimensões)	F	gl	p
Aspetos da personalidade	229.64	5	.00
Comunicação	178.97	5	.02
Resolução de conflitos	119.15	5	.02
Relações sexuais	127.65	5	.02
Família e amigos	66.53	5	.04
Orientação religiosa	166.05	5	.02
Total <i>ENRICH</i>	7757.20	5	.03

Em relação à dimensão *aspetos da personalidade*, a categoria com maior pontuação é a dos 25 aos 29 anos [M=36.89; DP=10.15] e as categorias com menor pontuação são a dos 50 aos 54 [M=24.29; DP=6.65] e a dos 45 aos 49 anos [M=25.44; DP=7.99]. Na dimensão *comunicação*, a categoria que mais pontuou foi a dos 25 aos 29 anos [42.56; DP=7.04] em comparação com a categoria dos 45 aos 49 anos, com a menor pontuação [M=31.19; DP=6.56]. Na dimensão *resolução de conflitos*, a categoria dos 25 aos 29 teve novamente a maior pontuação [M=36.56; DP=7.43] e a categoria dos 50 aos 54 anos a menor [M=26.71; DP=8.66].

Na dimensão *relações sexuais* a categoria dos 25 aos 29 anos pontuou mais [M=44.00; DP=5.52] e a categoria dos 45 aos 49 anos pontuou menos [M=34.46; DP=5.29]. A dimensão *família e amigos* teve duas categorias com pontuações muito semelhantes, a categoria dos 25 aos 29 anos [M=34.43; DP=5.26] e a dos 40 aos 44 anos [M=34.41; DP=4.19], em comparação com a categoria dos 50 aos 54 anos que teve a menor pontuação [M=27.71; DP=8.36]. Por último, a categoria *orientação religiosa*, onde a

categoria com a maior pontuação foi a dos 50 aos 54 anos [M=31.00; DP=8.33] e as categorias com menor pontuação foram a dos 35 aos 39 anos [M=23.07; DP=7.24] e a dos 30 aos 34 anos [M=23.31; DP=7.37].

Perante estes resultados é importante referir que as pontuações médias das categorias são demasiado próximas para terem um forte valor estatístico, ou seja, apesar de ser possível observar qual a categoria com maior e menor pontuação, as categorias entre esses extremos têm médias muito similares, não conferindo resultados estatísticos fortes. No entanto, conseguimos ter perceção das variações de médias ao longo do curso da relação conjugal.

4.2 Influência das variáveis sociodemográficas

4.2.1 Influência das variáveis “sexo”, “zona de residência” e “situação profissional”

De forma a avaliarmos a influência destas variáveis na perceção da conjugalidade recorremos a um teste *t* de *Student* para amostras independentes, cuja função é apurar se as médias das variáveis dependentes diferem significativamente nos dois grupos em comparação (Martins, 2011). Com esta análise (Tabela 4) concluímos que existe uma influência do sexo na dimensão *igualdade de papéis* (*ENRICH*) [$t=3.68$; $p=.001$], com os sujeitos do sexo feminino [M=41.21; DP=6.34] a pontuar mais alto comparativamente aos do sexo masculino [M=34.59; DP=9.57].

Tabela 4. Teste *t* de *Student* (Variável Independente: Sexo)

<i>ENRICH</i> (dimensões)	<i>t</i>	gl	<i>p</i>
Igualdade de papéis	3.68	57.71	.00
Total <i>ENRICH</i>	.04	88	.97

Em relação à variável “zona de residência” (Tabela 5) é possível verificar uma influência na *satisfação mútua (DAS)* [$t=-1.99$; $p=.05$] e nas *atividades de lazer (ENRICH)* [$t=-2.24$; $p=.03$].

Em ambas as dimensões, os sujeitos residentes em meio urbano pontuaram mais, na *satisfação mútua* [$M=37.54$; $DP=5.05$] e nas *atividades de lazer* [$M=33.62$; $DP=4.87$], em comparação aos do meio rural [$M=35.15$; $DP=6.30$] [$M=31.08$; $DP=5.95$], respectivamente.

Tabela 5. Teste *t* de Student (Variável Independente: Zona de residência)

Escalas	t	gl	p
DAS (dimensões)			
Satisfação Mútua	-1.99	88	.05
Total DAS	-1.27	88	.21
ENRICH (dimensões)			
Atividades de lazer	-2.24	88	.03
Total ENRICH	-.86	88	.39

A variável “situação profissional” apresentou resultados estatisticamente significativos (Tabela 6) nas seguintes dimensões da *ENRICH*: *aspectos da personalidade* [$t=2.78$; $p=.01$], *comunicação* [$t=2.17$; $p=.03$], *igualdade de papéis* [$t=2.04$; $p=.05$] e *orientação religiosa* [$t=-2.53$; $p=.01$].

A condição “trabalhador ativo” pontuou mais elevado nas seguintes dimensões: *aspectos da personalidade* [$M=34.86$; $DP=9.24$], *comunicação* [$M=37.77$; $DP=8.03$] e *igualdade de papéis* [$M=41.50$; $DP=6.97$], em comparação com a condição “reformado” nas mesmas dimensões [$M=28.89$; $DP=6.95$], [$M=33.57$; $DP=7.81$] e [$M=37.32$; $DP=8.74$], respectivamente.

No entanto, a dimensão *orientação religiosa* pontuou mais elevado na condição “reformado” [$M=27.88$; $DP=7.83$] do que na condição “trabalhador ativo” [$M=23.20$; $DP=6.53$].

Tabela 6. Teste *t* de Student (Variável Independente: Situação profissional)

<i>ENRICH</i> (dimensões)	t	gl	p
Aspetos da personalidade	2.78	29.32	.01
Comunicação	2.17	86	.03
Igualdade de papéis	2.04	86	.05
Orientação religiosa	-2.53	86	.01
Total <i>ENRICH</i>	1.72	86	.09

4.2.2 Influência da variável “idade por categorias”

O estudo da influência desta variável foi feito com recurso ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*, recorrendo ao teste de simulação de *Monte Carlo*, para equilibrar a dispersão dos dados.

Segundo a análise, existem diferenças estatisticamente significativas para duas dimensões da *ENRICH* (Tabela 7): *relações sexuais* [$\chi^2=12.57$; $p=.04$] e *orientação religiosa* [$\chi^2=12.27$; $p=.05$]. Em relação à primeira dimensão, *relações sexuais*, a categoria de idades dos 46 aos 50 anos é a que pontua mais alto [M=74.50] em comparação com a categoria dos 51 aos 55 anos [M=33.45], que é a que pontua menos. Quanto à segunda dimensão, *orientação religiosa*, a categoria dos 71 aos 75 anos foi a que mais pontuou [M=56.29], logo seguida pela categoria dos 76 aos 80 anos [M=56] em comparação à categoria dos 51 aos 55 anos, que apresentou a menor pontuação [M=25.65].

Tabela 7. Teste de *Kruskal-Wallis* com simulação de *Monte Carlo* (Variável independente: idade por categorias)

<i>ENRICH</i> (dimensões)	χ^2	gl	p^7
Relações sexuais	12.57	6	.04
Orientação religiosa	12.27	6	.05
Total <i>ENRICH</i>	10.39	6	.09

⁷ Sig. *Monte Carlo*.

4.2.3 Influência da variável “habilitações literárias”⁸

A influência da variável sociodemográfica “habilitações literárias” foi estudada através da utilização de uma *ANOVA* unidirecional, que nos permitiu estudar o efeito desta variável independente sobre as variáveis dependentes (Maroco, 2007). Importa esclarecer que foram retiradas duas categorias, nomeadamente, “ensino profissional” e “outro”, visto só reunirem 4 sujeitos no total.

Após a realização deste teste foi possível concluir que não existem diferenças estatisticamente significativas, ou seja, nenhum dos três graus académicos, “ensino básico”, “ensino secundário” e “ensino superior” tem influência na perceção da conjugalidade por cônjuges numa relação com 25 ou mais anos.

4.3 Influência da variável “compromisso com a religião” na perceção da conjugalidade

Para averiguarmos se o facto de o sujeito ser “religioso praticante”, “religioso não praticante” e “não religioso” influencia a perceção da conjugalidade, avaliada pela *DAS* e a *ENRICH* e as suas dimensões, foi utilizada uma *ANOVA* unidirecional. Através desta análise foi possível verificar diferenças estatisticamente significativas (Tabela 8).

Pela observação dos resultados encontrados apurámos que existem diferenças significativas na dimensão *orientação religiosa* [$F=473.33$; $p=.00$] da *ENRICH*, especificamente entre a condição “religioso praticante” [$M=30.12$; $DP=7.43$] e “religioso não praticante” [$M=25.42$; $DP=6.71$]; e entre a condição “religioso praticante” e “não religioso” [$M=21.44$; $DP=8.17$].

Tabela 8. ANOVA unifatorial (Variável independente: compromisso religioso)

<i>ENRICH</i> (dimensões)	F(gl)	gl	p
Orientação Religiosa	473.33(2)	2	.00
Total <i>ENRICH</i>	2486.86(2)	2	.48

⁸ Anexos IV.

4.4 Influência do número de filhos na percepção do ajustamento mútuo (DAS)⁹

De encontro ao objetivo de perceber se o número de filhos do casal tem uma influência na percepção do ajustamento mútuo – avaliado pela *DAS* – utilizou-se um teste não paramétrico para duas amostras independentes, chamado *Mann-Whitney*. Este teste avalia se ao nível de uma variável dependente ordinal, as ordens médias de dois grupos independentes diferem, sendo equivalente ao teste *t* para amostras independentes. A decisão de utilizar este teste em detrimento do teste *t* prende-se com o facto de uma das duas categorias, “cônjuge com 3 ou mais filhos” ter um *n* de apenas dezasseis sujeitos.

Após esta análise, é possível verificar que não existem diferenças significativas, nem para as quatro dimensões da *DAS*, *consenso mútuo* [U=575.00; p=.86], *satisfação mútua* [U=523.50; p=.47], *coesão mútua* [U=520.50; p=.45] e *expressão afetiva* [U=537.00; p=.56], nem para o total da escala [U=579.00; p=.89].

4.5 Influência das etapas do ciclo vital familiar – “família com filhos adultos” e “ninho vazio” – na percepção da conjugalidade¹⁰

O teste *t* de *Student* para amostras independentes foi mais uma vez utilizado na nossa análise estatística. O objetivo foi avaliar a existência da influência relativa a duas etapas do ciclo vital familiar, “família com filhos adultos” e “ninho vazio”, na percepção da conjugalidade, avaliada pela *DAS* e a *ENRICH* e as suas dimensões.

Os resultados obtidos indicam que não existem diferenças estaticamente significativas, ou seja, não há influência na percepção da conjugalidade em função dos casais terem filhos a morar ou não consigo.

⁹ Anexos IV.

¹⁰ Anexos IV.

V – Discussão

Neste tópico serão discutidos os resultados apresentados no ponto anterior, tendo como base os objetivos definidos no ponto II e a literatura consultada sobre a temática abordada.

No entanto, antes de iniciar esta reflexão, importa frisar que o presente estudo é exploratório, sendo necessária alguma precaução quanto à generalização dos dados para a população em geral.

5.1 A duração da relação, a idade dos cônjuges e o compromisso religioso

No nosso estudo a variável “duração da relação” conjugal associa-se a diferenças estatisticamente significativas em seis dimensões da escala *ENRICH*: *aspectos da personalidade, comunicação, resolução de conflitos, relações sexuais, família e amigos e orientação religiosa*. A nossa análise demonstra, também, que esta variável tem influência no total da *ENRICH*, mas que não tem influência em nenhuma das dimensões nem no total da *DAS*.

Numa análise mais detalhada de cada uma destas seis dimensões da *ENRICH*, apesar das médias das categorias serem bastantes próximas, conseguimos verificar e confirmar a hipótese colocada por Lourenço, em 2006, sobre a existência de um período negativo, com início a partir dos 25 anos de relação, para a dimensão *relações sexuais*. Para além desta, as restantes cinco dimensões por nós apontadas também demonstram entrar nesta “crise negativa”.

A nossa investigação indica que esta crise mantém-se em cinco das dimensões, com exceção da *orientação religiosa* da qual iremos falar posteriormente, e no total da *ENRICH* até aos 40 anos de relação.

É apenas na categoria dos 40 aos 44 anos que surge um “pico positivo” seguido de uma nova descida das médias. Esta descida parece manter-se nas dimensões: *aspectos da personalidade, resolução de conflitos, família e amigos* e no total da *ENRICH*. Pelo contrário, nas dimensões: *comunicação e relações sexuais* volta a existir uma subida positiva a partir dos 49 anos de relação.

Apesar da frequência da atividade sexual diminuir com o avançar da idade, muitos casais “mais velhos” continuam sexualmente ativos, contrariando a opinião popular que muitas vezes só privilegia o ato sexual em si, sem ter em conta atos de intimidade, pontuados como mais importantes para casais nesta fase da relação (Benbow & Beeston, 2012). Curioso é o facto de, na análise da variável “idade”, a dimensão *relações sexuais* ter resultados estatisticamente significativos, com cônjuges entre os 46 e os 50 anos de idade a pontuar mais. De um ponto de vista lógico é impossível que cônjuges nestas faixas etárias se encontrem numa relação conjugal com uma duração entre os 40 e os 44 anos.

Por sua vez, a dimensão *orientação religiosa* demonstra uma evolução diferente. Tal como referido, também esta dimensão entra numa “crise negativa” após os 25 anos de relação, tendo o seu pico mais baixo na categoria dos 35 aos 39 anos. A partir dos 39, a média desta dimensão inicia um crescimento. Igualmente na análise da variável “idade” é possível encontrar diferenças estatisticamente significativas para esta dimensão, com cônjuges com idades compreendidas entre os 71 e os 80 anos a pontuar mais elevado. Este resultado vai de encontro aos estudos de Olson e colaboradores (1983, como citado em Lourenço, 2006), visto que, aparentemente, os cônjuges numa relação com mais de 39 anos e entre os 71 e os 80 anos, considerados casais “mais velhos” procuram o suporte espiritual para lidar com certas fases do casamento, como a reforma.

Revenson, Kayser e Bodenmann (2005) alertam para o facto de muitas relações conjugais sofrerem ou mesmo terminarem quando não existem competências para lidar com o *stress* próprio do dia-a-dia e do desgaste das relações, daí que a religião seja uma importante estratégia de *coping*. O estudo da variável “compromisso religioso”, através de uma ANOVA unidirecional revelou-nos, também, que os cônjuges religiosos praticantes exibem diferenças e pontuam mais em comparação aos religiosos não praticantes e aos não religiosos. Estas diferenças podem ter como base o facto de os cônjuges participarem em rituais e cerimónias religiosas, como é demonstrado por um estudo de Ahmadi e Hossein-abadi (2009), em que os autores, utilizando a *ENRICH*, chegam à conclusão de que casais que participam em tais cerimónias têm uma taxa mais elevada de satisfação

conjugal. A prática de atividades religiosas apresenta-se como um fator facilitador da conjugalidade.

5.2 As variáveis sociodemográficas: sexo, zona de residência, habilitações literárias e situação profissional

A instituição do casamento tem vindo a mudar radicalmente nas últimas décadas. Atualmente os casais procuram ter uma relação livre da tradicional definição de papéis sexuais. No entanto, também é verdade que um sistema de ideias, quando partilhado, contribui para a formação e manutenção de padrões interativos (Andolfi, 2002).

Quando existe um desequilíbrio persistente de poder, podem existir sintomas derivados da insatisfação, tais como: fadiga, diminuição no desejo sexual e depressão. Culturalmente, a esposa tem uma carga mais elevada de responsabilidade, o que leva a que os sintomas se manifestem mais nas mulheres. Apesar deste estigma cultural, Anfolfi (2002) acredita que as mulheres têm vindo a assumir posições mais simétricas no mundo do trabalho, o que provoca mudanças recíprocas dos maridos em casa, visto que era uma área desvalorizada culturalmente. Daí que não surpreenda o resultado do estudo da variável “sexo”, em que as mulheres pontuam mais para a *igualdade de papéis* da *ENRICH*, a dimensão que avalia as crenças, sentimentos e atitudes sobre vários papéis conjugais e familiares, focando-se em papéis ocupacionais, tarefas domésticas, papéis sexuais e parentais (Lourenço, 2006).

Até em relações consideradas mais simétricas, esta igualdade não significa necessariamente que ambos devam cumprir as mesmas tarefas, dos mesmos modos e nas mesmas quantidades (Margolin e colaboradores, 1993, como citado em Andolfi, 2002). O que é realmente essencial é a existência de um sentimento de reciprocidade a longo prazo. Ambos os parceiros devem sentir que cada um toma algumas responsabilidades para si e que as respetivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio que dura no tempo (Andolfi, 2002). Segundo Beavers (1986), os casais bem-sucedidos são aqueles que mantêm uma complementaridade perante as obrigações e, paralelamente, um sentido de igualdade e liderança partilhada.

Tal como no estudo de Lourenço (2006), o facto de os cônjuges viverem numa zona (predominantemente) urbana traduz-se em diferenças

estatisticamente significativas na *satisfação mútua (DAS)* e nas *atividades de lazer (ENRICH)*. Um resultado que não surpreende, demonstrando que a localização geográfica urbana leva a uma maior satisfação e comprometimento com a relação (Lourenço, 2006), sendo para a nossa amostra um fator facilitador da conjugalidade.

Pelo contrário, a variável “habilitações literárias” não apresentou resultados estatisticamente significativos para qualquer uma das duas escalas. Uma das possíveis hipóteses é que esta variável perca a sua influência em relações com uma duração tão avançada como as que são representadas pela amostra deste estudo, em detrimento de outras variáveis que acabam por ter mais influência (eg. “compromisso religioso” e “zona de residência”).

Quanto à variável “situação profissional”, nas seguintes dimensões da *ENRICH* encontramos diferenças estatisticamente significativas: *aspectos da personalidade, comunicação, igualdade de papéis e orientação religiosa*. Com exceção da última dimensão referida que pontuou mais na condição “reformado”, todas as outras pontuaram mais na condição de “trabalhador ativo”.

Quando ambos os elementos do casal perseguem carreiras profissionais, é fundamental a existência de uma estrutura forte e uma grande capacidade de flexibilidade. Devido às exigências opostas entre o mundo familiar e do trabalho, é necessário que se estabeleçam regras, mas adaptabilidade para as renegociar e as alterar (Andolfi, 2002), daí que estas pontuações mais altas para a condição de “trabalhador ativo” sejam compreensíveis e nos levem a entender que, para os nossos sujeitos, trabalhar no ativo é protetor de dimensões importantes da sua conjugalidade.

O facto da dimensão *comunicação* só indicar diferenças estatisticamente significativas na variável “situação profissional” é algo curioso, visto que tem duas funções fundamentais no casamento: na expressão de sentimentos de amor, de intimidade física e psicológica e, também, na resolução de conflitos próprios à partilha do quotidiano (Fowers, 1998), daí que fosse expectável que apresentasse diferenças no estudo de outras dimensões. Podemos então afirmar que o facto de um cônjuge ser um trabalhador ativo influencia a sua visão e crenças sobre os papéis conjugais e familiares e leva a uma maior abertura para comunicar e flexibilizar aspetos

da personalidade do parceiro, numa tentativa de estabelecer as regras de que Andolfi, em 2002, nos fala.

O facto de a dimensão *orientação religiosa* pontuar mais na categoria “reformado” vai de encontro ao que já referimos e aos resultados do estudo das variáveis “compromisso religioso” e “idade”. As diversas fases do ciclo vital pedem alterações do contrato relacional, visto que o necessário para a satisfação dentro do casamento muda consoante os requisitos familiares (Andolfi, 2002), o que leva os cônjuges, com o avançar dos anos, a procurar novas estratégias de *coping* que sejam eficazes para lidar com as exigências de uma relação conjugal. Por outro lado, sugere-nos a maior importância da religiosidade para os reformados, provavelmente mais confrontados com a solidão, o envelhecimento e a perspectiva da morte.

5.3 O impacto do ciclo vital familiar e o número de filhos

Sendo esta uma das respostas à continuidade da investigação de Lourenço (2006) e visto que não apresentou resultados estatisticamente significativos, é obrigatório pensarmos nas diferenças entre as duas investigações. Na investigação que deu origem a esta dissertação, de facto existiam 71 sujeitos (30.2%) numa relação com 20 anos ou mais, não sendo um número tão discrepante do N total do presente estudo (90). No entanto, é preciso ter em consideração que estes 90 sujeitos estão todos numa relação com 25 anos ou mais. Mais importante até, a categoria com maior percentagem de sujeitos, referindo a duração da relação, vai desde os 40 até aos 44 anos (27.8%). Logo, estamos a lidar com cônjuges com características diferentes.

Os nossos resultados indicam que não há influência na percepção da conjugalidade em função dos casais terem filhos a morar ou não consigo. Derivado à duração mais avançada das relações dos cônjuges que participaram neste estudo, é importante colocar em causa o verdadeiro significado da etapa “família com filhos adultos”. Apesar dos filhos que moram com estes pais serem adultos, o nome dado por Relvas (1996) a esta etapa tinha como alvo os “jovens adultos em lançamento”. O facto de serem, na sua maioria, adultos com idade “pós-escolar” tem uma influência direta no papel dos pais e no peso que parentalidade representa. Com isto

pretendemos dizer que, como hipótese, os filhos que pertencem ao agregado familiar destes cônjuges já se assumem como independentes e não precisam de (tantos) cuidados parentais, daí que não exista influência desta variável.

Por fim, a última questão por responder na continuidade desta linha de investigação é sobre o número de filhos. No entanto, na nossa amostra não encontramos diferenças estatisticamente significativas para cônjuges com 3 ou mais filhos, não podendo, portanto, confirmar a hipótese colocada por Lourenço (2006) sobre a “crise negativa” que surge com a chegada do terceiro filho e à maior vulnerabilidade que esse fator significa. Importa ter em consideração que o n da categoria “três ou mais filhos” é muito pequeno (16) em relação ao n da categoria “zero a dois filhos” (74).

VI – Conclusões

O presente estudo permite responder a questões importantes deixadas em aberto por Lourenço em 2006. Os resultados obtidos apontam para uma “crise negativa” a partir dos 25 anos de relação conjugal e com duração até aos 40 anos de relação, onde acontece um “pico positivo” durante quatro anos, mas voltando à “crise negativa” a partir dos 44 anos.

Este percurso tem como exceção a dimensão da *orientação religiosa*, que aparenta ter o início da sua “crise positiva” entre os 35 e os 39 anos, indo de encontro aos modelos teóricos que afirmam que casais considerados “mais velhos” procuram alternativas de *coping* para lidar com a relação. Neste sentido, outro resultado comprova que cônjuges que se consideram religiosos praticantes, envolvendo-se em cerimónias religiosas, têm uma perceção da conjugalidade mais positiva. Estamos, portanto, face a um fator protetor ou facilitador da conjugalidade nas etapas por nós estudadas.

Os resultados acima descritos infirmam a hipótese colocada por Lourenço (2006), de que poderia existir uma “fase de reaproximação” aos 27-29 anos de relação, sugerindo que esta fase poderá situar-se entre os 40 e os 44 anos de relação conjugal.

Por fim, mas não menos importante, um resultado que coloca em evidência as mudanças socioculturais que se refletem na perceção da conjugalidade, com a condição de “trabalhador ativo”, na variável “situação

profissional”, a ter resultados estatisticamente significativos para a *igualdade de papéis*, a *comunicação* e os *aspectos da personalidade*, demonstrando a influência da flexibilização dos papéis sociais no campo conjugal.

6.1. Limitações do estudo e investigações futuras

A nossa investigação apresenta algumas limitações sobre as quais importa refletir. Apesar do número total da nossa amostra ser suficiente para a execução da análise estatística, este está longe de ser representativo da população a que nos propomos estudar. Ainda relacionado com a amostra, e atendendo à hologramaticidade relacional de Morim (1994, citado em Narciso & Ribeiro, 2009), é importante perceber qual o impacto da amostra ser constituída por cônjuges e não casais, visto que existe igualmente, a impossibilidade de conhecer as partes sem compreender o todo. Aumentar a amostra e incluir casais, além de cônjuges, mostra-se pertinente em estudos futuros.

Uma outra limitação está relacionada com a discrepância do *n* das categorias, na variável “idade”, “duração da relação”, “número de filhos” e ainda na variável que avalia a “situação profissional”. As diferenças apresentadas podem afetar os resultados e obrigarem à utilização de testes não paramétricos, que se definem como menos robustos.

Em termos de investigação futura seria importante incluir mais variáveis ligadas ao estudo da reforma e das estratégias de *coping* utilizadas pelo casal ao longo da sua relação, visto que estas são dimensões importantes para uma perceção positiva da conjugalidade e da manutenção do casamento.

Concluindo, em investigações futuras será importante aprofundar o estudo da duração da relação e das suas “crises positivas” e “crises negativas”, fatores protetores/facilitadores e fatores de risco/maior vulnerabilidade para a conjugalidade pós *bodas de prata*. Além do impacto que estes resultados podem trazer aos estudos do casal e da conjugalidade, é importante para psicólogos e terapeutas que acompanham em terapia o sistema conjugal perceber quais as crises e transformações que esta díade enfrentará, de forma a, conjuntamente com o casal, encontrar caminhos diferentes e úteis.

Bibliografia

Bateson, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Beavers, W. Z. (1986). *Successful Marriages*. Nova Iorque: Norton.

Benbow, S. M., & Beeston, D. (2012). Sexuality, aging and dementia. *International Psychogeriatrics*, 24, 7, 1026-1033. doi: 10.1017/S1041610212000257

Benkovskaia, I. V. (2008). *Satisfação conjugal, afetividade e proximidade ao cônjuge: diferenças entre casais com filhos e sem filhos e ao longo dos anos de relação* (Dissertação de mestrado não-publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Bowen, M. (1984). *La différenciation du soi: les triangles et les systèmes émotifs familiaux*. Paris: ESF.

Caillé, P. (1991). *Une et un font trois: Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF éditeur.

INE (2010). Nova Classificação de Profissões-Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 (CPP/2010). Retirado a 11 de fevereiro de 2015. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=105174743&DESTAQUESmodo=2

Costa, M. E. (1998). *Novos encontros de amor*. Porto: Edinter.

DeFranck-Lynch, B. (1986). *Thérapie familiale structurale: manuel des principes et des éléments de base*. Paris: ESF.

Fowers, B. J. (1998). Psychology and the marriage. *American Behavioral Scientist*, 41, 516-541.

Frazão, T. A. (2012). *Viver livremente em conjunto: contrastes entre o casamento e a união de facto* (Dissertação de mestrado não-publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade Coimbra, Coimbra, Portugal.

Lourenço, M. C. (2006). *Casal: conjugalidade e ciclo evolutivo* (Dissertação de doutoramento não-publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Olson, D. H., & DeFrain, J. (2000). *Marriages and families: intimacy, diversity and strengths* (4th ed.). Boston: McGraw.

Pacheco, A. M. (2008). *Olhando a satisfação: um estudo exploratório em casais portugueses* (Dissertação de mestrado não-publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade Lisboa, Lisboa, Portugal.

Pires, A. R. A. (2011). *Coping diádico e satisfação conjugal: um estudo em casais portugueses* (Dissertação de mestrado não-publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.

Revenson, A., Kayser, K, & Bodenmann, G.. (2005) *Couples coping with stress: emerging perspectives on dyadic coping*. Washington, D.C.: American Psychologic Association.

Satir, V. (1991). *Nuevas Relaciones Humanas en el Núcleo Familiar*. Mexico: ed. Pax Mexico.

Sampaio, D., & Gameiro, J. (2005). *Terapia familiar* (6th ed.). Porto: Afrontamento.

Spanier, G. B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Scales for Assessing the Quality of Marriage and Similar Dyads. *Journal of Marriage and Family*, 38 (1), 15-28.

Walsh, F. (2003). *Normal family process: growing diversity and complexity* (3rd ed.). Nova Iorque: The Gilford Press.

Anexos

Anexos II: Tabelas da caracterização da amostra – variáveis sociodemográficas e familiares.

1. Variável “sexo”

Variáveis	Categorias	N	%
Sexo	Feminino	53	58.9
	Masculino	37	41.1
	Total	90	100

2. Variável “duração da relação” (análise descritiva)

Variáveis	Anos	N	%
Duração da relação	25	2	2.2
	26	5	5.6
	27	2	2.2
	30	1	1.1
	31	9	10.0
	32	1	1.1
	33	6	6.7
	34	2	2.2
	35	1	1.1
	36	2	2.2
	37	4	4.4
	38	2	2.2
	39	5	5.6
	40	11	12.2
	41	2	2.2
	42	3	3.3
	43	4	4.4
	44	5	5.6
	45	6	6.7
	46	2	2.2
47	5	5.6	
48	2	2.2	
49	1	1.1	
50	2	2.2	
52	1	1.1	
53	4	4.4	
Total		90	100

3. Variável “duração da relação” (categorias)

Variável	Categorias	N	%
Duração da relação	25-29	9	10.0
	30-34	19	21.1
	35-39	14	15.6
	40-44	25	27.8
	45-49	16	17.8
	50-54	7	7.8
	Total	90	100

4. Variável “1ª relação”

Variável	Categorias	N	%
Primeira relação conjugal	Sim	87	96.7
	Não	3	3.3
	Total	100	100

5. Variável “idade” (análise descritiva)

Variáveis	Anos	N	%
Idade	46	1	1.1
	47	2	2.2
	48	2	2.2
	49	1	1.1
	50	1	1.1
	52	3	3.4
	53	1	1.1
	54	3	3.4
	55	3	3.4
	56	2	2.2
	57	2	2.2
	58	3	3.4
	59	2	2.2
	60	3	3.4
	61	5	5.6
	62	6	6.7
	63	3	3.4
	64	6	6.7
	65	2	2.2
	66	5	5.6
67	8	9.0	
68	7	7.9	
69	2	2.2	

	70	2	2.2
	71	2	2.2
	73	4	4.5
	75	4	4.5
Idade	76	1	1.1
	77	1	1.1
	79	1	1.1
	80	1	1.1
	Total	89	100

6. Variável “idade” (categorias)

Variáveis	Categorias	N	%
	46-50	7	7.9
	51-55	10	11.2
	56-60	12	13.5
Idade	61-65	22	24.7
	66-70	24	27.0
	71-75	10	11.2
	76-80	4	4.5
	Total	89	100

7. Variável “idade do cônjuge”

Variáveis	Anos	N	%
	46	1	1.1
	47	1	1.1
	48	1	1.1
	49	1	1.1
	51	2	2.2
	52	2	2.2
	53	2	2.2
	54	2	2.2
	55	3	3.4
	56	1	1.1
Idade do cônjuge	57	3	3.4
	58	3	3.4
	59	2	2.2
	60	5	5.6
	61	5	5.6
	62	4	4.5
	63	1	1.1
	64	8	9.0
	65	3	3.4
	66	5	5.6

	67	9	10.1
	68	4	4.5
	69	4	4.5
	70	2	2.2
	71	1	1.1
	72	1	1.1
Idade do cônjuge	73	2	2.2
	75	4	4.5
	76	2	2.2
	77	1	1.1
	79	3	3.4
	80	1	1.1
	Total	89	100

8. Variável “zona de residência”

Variáveis	Categorias	N	%
Zona de residência	Rural	40	44.4
	Urbano	50	55.6
	Total	90	100

9. Variável “habilitações literárias”

Variáveis	Categorias	N	%
Habilitações literárias	Ensino básico	26	28.9
	Ensino secundário	24	26.7
	Ensino superior	36	40.0
	Ensino profissional	3	3.3
	Outro	1	1.1
	Total	90	100

10. Variável “situação profissional” (análise descritiva)

Variáveis	Situação profissional	N	%
Situação profissional	Patrão	2	2.3
	Trabalhador por conta própria sem assalariados	1	1.1
	Trabalhador por conta de outrem	18	20.5
	Desempregado	1	1.1
	Pensionista por invalidez	1	1.1
	Reformado	65	73.9
	Total	88	100

11. Variável “situação profissional” (categorias)

Variáveis	Categorias	N	%
Situação profissional	Trabalhador ativo	21	24.1
	Reformado	66	75.9
	Total	87	100

12. Variável “classificação nacional das profissões”

Variáveis	Classificações	N	%
Classificação nacional das profissões	Profissões das Forças Armadas	1	1.1
	Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	3	3.4
	Especialistas das atividades intelectuais e científicas	28	31.8
	Técnicos e profissões de nível intermédio	13	14.8
	Pessoal administrativo	14	15.9
	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	13	14.8
	Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	10	11.4
	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	1	1.1
	Trabalhadores não qualificados	5	5.7
	Total	88	100

13. Variável “atividades pós-reforma”

Variáveis	Categorias	N	%
Número de atividades pós-reforma	1-3	27	30.3
	4-6	29	32.6
	7-9	9	10.1
	10-12	1	1.1
	Não aplicável	23	25.8
Total	90	100	

14. Variável “compromisso religioso”

Variáveis	Categorias	N	%
Compromisso religioso	Não religioso	15	17.2
	Religioso praticante	42	48.3
	Religioso não praticante	30	34.5
	Total	87	100

15. Variável “número de filhos” (análise descritiva)

Variáveis	Número de filhos	N	%
	0	3	3.3
	1	26	28.9
	2	45	50.0
Número de filhos	3	9	10.0
	4	6	6.7
	5	1	1.1
	Total	90	100

16. Variável “número de filhos” (categorias)

Variáveis	Categorias	N	%
	0-2	74	82.2
Número de filhos	3 ou +	16	17.8
	Total	90	100

17. Variável “etapa do ciclo vital familiar”

Variáveis	Categorias	N	%
	Filhos adultos em casa	35	39.3
Etapa do ciclo vital	“Ninho vazio”	51	57.3
familiar	Outro	3	3.4
	Total	89	100

Anexos III: Análise da consistência interna: *DAS* e *ENRICH*

Alfa de *Cronbach*

Escalas	M	DP	α
<i>DAS (dimensões)</i>			
Consenso Mútuo	50.06	9.20	.92
Satisfação Mútua	36.48	5.73	.75
Coessão Mútua	15.98	5.25	.82
Expressão Afetiva	15.05	3.15	.52
Total <i>DAS</i>	111.42	18.88	.93
<i>ENRICH (dimensões)</i>			
Idealização	18.21	4.27	.73
Satisfação	38.60	8.30	.87
Aspetos da personalidade	30.44	7.91	.80
Comunicação	34.87	8.13	.83
Resolução de conflitos	30.94	6.64	.78
Igualdade de papéis	38.49	8.44	.85
Gestão financeira	34.10	5.99	.69
Atividades de lazer	32.49	5.49	.58
Relações sexuais	36.19	6.98	.75
Filhos e casamento	37.26	5.39	.71
Família e amigos	32.71	5.41	.57
Orientação religiosa	26.95	7.90	.80
Total <i>ENRICH</i>	391.26	56.96	.96

Anexos IV: Resultados

1. ANOVA unifatorial (one-way) (Variável independente: duração da relação)

Escalas	F	gl	p
DAS (dimensões)			
Consenso Mútuo	80.41	5	.44
Satisfação Mútua	31.80	5	.44
Coessão Mútua	16.40	5	.72
Expressão Afetiva	4.81	5	.40
Total DAS	299.80	5	.53
ENRICH (dimensões)			
Idealização	23.34	5	.27
Satisfação	74.07	5	.38
Aspetos da personalidade	229.64	5	.00
Comunicação	178.97	5	.02
Resolução de conflitos	119.15	5	.02
Igualdade de papéis	99.05	5	.22
Gestão financeira	74.37	5	.06
Atividades de lazer	30.96	5	.41
Relações sexuais	127.65	5	.02
Filhos e casamento	16.89	5	.72
Família e amigos	66.53	5	.04
Orientação religiosa	166.05	5	.02
Total ENRICH	7757.20	5	.03

2. Teste *t* de *Student* (variável independente: sexo)

Escalas	t	gl	p
DAS (dimensões)			
Consenso Mútuo	-1.26	88	.21
Satisfação Mútua	-.53	88	.60
Coesão Mútua	-.54	88	.59
Expressão Afetiva	-1.55	87.64	.12
Total <i>DAS</i>	-1.09	88	.28
ENRICH (dimensões)			
Idealização	-.92	88	.36
Satisfação	-.70		.49
Aspetos da personalidade	-.24	88	.81
Comunicação	-.14	88	.89
Resolução de conflitos	-.20	88	.84
Igualdade de papéis	3.68	57.71	.00
Gestão financeira	.20	88	.84
Atividades de lazer	-.15	88	.88
Relações sexuais	-1.07	88	.29
Filhos e casamento	-.87	88	.39
Família e amigos	-.62	88	.53
Orientação religiosa	.07	88	.94
Total <i>ENRICH</i>	.04	88	.97

3. Teste *t* de *Student* (variável independente: zona de residência)

Escalas	t	dl	p
<i>DAS</i> (dimensões)			
Consenso Mútuo	-1.09	63.28	.28
Satisfação Mútua	-1.99	88	.05
Coesão Mútua	.17	88	.86
Expressão Afetiva	-1.47	88	.15
Total <i>DAS</i>	-1.27	88	.21
<i>ENRICH</i> (dimensões)			
Idealização	-.71	88	.48
Satisfação	-.88	67.30	.38
Aspetos da personalidade	-1.76	88	.08
Comunicação	.03	88	.98
Resolução de conflitos	-.17	88	.86
Igualdade de papéis	-1.64	88	.11
Gestão financeira	1.57	88	1.21
Atividades de lazer	-2.24	88	.03
Relações sexuais	-.07	88	.95
Filhos e casamento	.24	88	.82
Família e amigos	.16	88	.21
Orientação religiosa	-.18	88	.86
Total <i>ENRICH</i>	-.86	88	.39

4. Teste *t* de *Student* (variável independente: situação profissional)

Escalas	t	gl	p
<i>DAS (dimensões)</i>			
Consenso Mútuo	.26	86	.79
Satisfação Mútua	.77	86	.45
Coessão Mútua	1.15	86	.25
Expressão afetiva	1.13	86	.26
Total <i>DAS</i>	.80	86	.42
<i>ENRICH (dimensões)</i>			
Idealização	.65	86	.52
Satisfação	.75	86	.46
Aspetos da personalidade	2.78	29.32	.01
Comunicação	2.17	86	.03
Resolução de conflitos	1.69	86	.10
Igualdade de papéis	2.04	86	.05
Gestão financeira	1.70	86	.09
Atividades de lazer	.94	86	.35
Relações sexuais	1.73	86	.09
Filhos e casamento	.96	86	.34
Família e amigos	.87	86	.39
Orientação religiosa	-2.53	86	.01
Total <i>ENRICH</i>	1.72	86	.09

5. Teste de *Kruskal-Wallis* com simulação de *Monte Carlo* (variável independente: idade por categorias)

Escalas	X ²	gl	p ¹¹
<i>DAS (dimensões)</i>			
Consenso Mútuo	8.78	6	.18
Satisfação Mútua	7.34	6	.29
Coessão Mútua	7.47	6	.28
Expressão Afetiva	8.02	6	.24
Total <i>DAS</i>	8.49	6	.20
<i>ENRICH (dimensões)</i>			
Idealização	10.03	6	.12
Satisfação	11.50	6	.07
Aspetos da personalidade	11.57	6	.06
Comunicação	11.37	6	.07
Resolução de conflitos	10.19	6	.11
Igualdade de papéis	9.19	6	.16
Gestão financeira	11.75	6	.06
Atividades de lazer	5.52	6	.50
Relações sexuais	12.57	6	.04
Filhos e casamento	7.81	6	.25
Família e amigos	2.17	6	.91
Orientação religiosa	12.27	6	.05
Total <i>ENRICH</i>	10.39	6	.09

¹¹ Sig. *Monte Carlo*

6. ANOVA unifatorial (*one-way*) (variável independente: habilitações literárias)

Escalas	F	gl	p
DAS (dimensões)			
Consenso Mútuo	71.44	2	.44
Satisfação Mútua	35.75	2	.35
Coessão Mútua	33.09	2	.31
Expressão Afetiva	1.37	2	.75
Total <i>DAS</i>	427.86	2	.32
ENRICH (dimensões)			
Idealização	14.50	2	.45
Satisfação	47.21	2	.52
Aspetos da personalidade	118.15	2	.15
Comunicação	85.24	2	.29
Resolução de conflitos	29.70	2	.53
Igualdade de papéis	150.13	2	.12
Gestão financeira	13.84	2	.68
Atividades de lazer	8.23	2	.77
Relações sexuais	51.11	2	.36
Filhos e casamento	9.53	2	.73
Família e amigos	10.48	2	.70
Orientação religiosa	57.76	2	.39
Total <i>ENRICH</i>	3966.61	2	.30

7. ANOVA unifatorial (one-way) (variável independente:
compromisso religioso)

Escalas	F	gl	p
DAS (dimensões)			
Consenso Mútuo	69.17	2	.45
Satisfação Mútua	64.13	2	.15
Coessão Mútua	51.90	2	.16
Expressão Afetiva	.66	2	.87
Total DAS	502.63	2	.25
ENRICH (dimensões)			
Idealização	7.84	2	.66
Satisfação	42.11	2	.56
Aspetos da personalidade	62.71	2	.38
Comunicação	17.76	2	.77
Resolução de conflitos	18.71	2	.67
Igualdade de papéis	28.02	2	.69
Gestão financeira	1.42	2	.96
Atividades de lazer	34.65	2	.33
Relações sexuais	12.91	2	.78
Filhos e casamento	17.01	2	.57
Família e amigos	66.38	2	.10
Orientação religiosa	473.326	2	.00
Total ENRICH	2486.86	2	.48

8. Teste *U* de *Mann-Whitney* (variável independente: número de filhos por categoria)

Escala	U	p
<i>DAS (dimensões)</i>		
Consenso Mútuo	575.00	.86
Satisfação Mútua	523.50	.47
Coesão Mútua	520.50	.45
Expressão Afetiva	537.00	.56
Total <i>DAS</i>	579.00	.89

9. Teste *t* de *Student* (variável independente: etapa do ciclo vital familiar)

Escalas	t	gl	p
<i>DAS (dimensões)</i>			
Consenso Mútuo	.96	49.72	.34
Satisfação Mútua	1.88	84	.06
Coesão Mútua	.63	84	.53
Expressão Afetiva	.87	84	.90
Total <i>DAS</i>	1.18	54.87	.24
<i>ENRICH (dimensões)</i>			
Idealização	1.28	56.61	.21
Satisfação	1.40	84	.16
Aspetos da personalidade	-.46	84	.65
Comunicação	.19	84	.85
Resolução de conflitos	-.09	84	.93
Igualdade de papéis	-.26	84	.80
Gestão financeira	1.18	84	.24
Atividades de lazer	.35	84	.73
Relações sexuais	-1.00	84	.32
Filhos e casamento	.88	62.57	.38
Família e amigos	-.44	84	.66
Orientação religiosa	1.73	83.03	.09
Total <i>ENRICH</i>	.49	56.19	.62